



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

## **IDENTIDADES EM *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Alexandra Santos Pinheiro<sup>1</sup>; Adrieli Aparecida Svinar Oliveira<sup>2</sup>; Izadora Fernanda Reichert Rodrigues<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Professora orientadora LETRAS/FACALE/ UFGD, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq E-mail: [alexandrasantospinheiro@yahoo.com.br](mailto:alexandrasantospinheiro@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Letras PIBIB/FACALE/UFGD E-mail: [adrielly\\_svinar@hotmail.com](mailto:adrielly_svinar@hotmail.com)

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Letras PIBID/FACALE/UFGD E-mail: [izareichert@hotmail.com](mailto:izareichert@hotmail.com)

### **RESUMO**

O presente trabalho analisa a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, da escritora Afro-brasileira Conceição Evaristo. O livro é composto de 13 contos. São histórias de violência, dor e sofrimento de mulheres. Conceição, na introdução, deixa claro que complementa e até inventa (ficcionaliza) histórias, que, somadas com as reais, resultaram no que ela chama de “escrevivência”. De um modo geral, todas as mulheres apresentadas nos contos passaram por situações de violência. Observa-se que em todos os casos houve um apelo muito forte, principalmente por parte das mães, para que essas mulheres seguissem aquilo que a sociedade espera de um ser feminino. No decorrer da investigação, responder defendemos a ideia clássica de Simone de Beauvoir (2001): ser o “ser mulher” é um processo identitário aprendido. O interesse é identificar em que medida as mulheres repetem histórias construídas sobre elas, e como os discursos atuais ainda são influenciados por uma tradição patriarcal que marcou a história da família no Brasil. Para a análise da obra, nos embasaremos em autores que discutem a temática de autoria feminina e os conceitos de identidade e memória.

Palavras-chave: Tradição, memória, identidade.

### **INTRODUÇÃO**

Conceição Evaristo nasceu em 29 de dezembro de 1946, em Belo Horizonte. É mestre em Literatura Brasileira pela PUC Rio, e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Teve seu início na Literatura com uma participação na obra *Cadernos Negros*, em 1993. Tem dois romances publicados: *PonciáVicencio* (2003) e *Becos da memória* (2006); além de poesias e seu livro de contos, o qual vamos analisar, intitulado *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011).

O livro é composto por treze contos, fruto da tese de doutorado de Conceição Evaristo. São histórias de violência, dor e sofrimento de mulheres em que a autora, já na introdução, deixa claro que complementa e até inventa (ficcionaliza). Essas, somadas com as memórias dessas treze mulheres entrevistadas, resultaram em no que a autora chama de “escrevivência”. A autora constitui-se como uma porta voz das treze mulheres que entrevista. Assim, enquanto reescreve, pelos caminhos da narrativa literária, as suas histórias, ela também se deixa perceber por sua subjetividade e maneira de interpretar as dores e alegrias das vidas que reconta.

De um modo geral, todas as mulheres apresentadas nos contos passaram por situações de violência. Observa-se que, em todos os casos, houve um apelo muito forte, principalmente das mães, para que essas mulheres seguissem aquilo que a sociedade espera do gênero feminino: preparar-se para o casamento e para a maternidade. É da não aceitação desses paradigmas que nascem os julgamentos da sociedade em relação a essas mulheres, vez que, na maioria dos casos, elas seguiram caminhos distintos daqueles socialmente impostos.

O sexo feminino sempre esteve ligado ao espaço doméstico, mesmo nas tribos primitivas, como explica Margared Mead (2003), a organização de algumas tribos primitivas era marcada por dois espaços: o fora da casa, destinado ao homem que tinha a tarefa de buscar o alimento para a sobrevivência de seus filhos e companheira; e o espaço ligado a casa, destinado à mulher, que precisava cuidar da prole e do preparo do alimento<sup>1</sup>... Essa estrutura marca a maioria das culturas. Com a chamada Burguesia, advinda da Revolução Francesa, temos a mulher como a promotora da educação da prole e da organização do lar. A mulher do século XXI, vale lembrar, ainda é aquela que, apesar da conquista no espaço profissional, ainda vive a dupla jornada, ou seja, trabalha fora e dentro do lar. Muitas vezes, esse trabalho não corresponde necessariamente aos serviços domésticos, mas à organização de outros aspectos, como o cuidado em abastecer a geladeira, com as questões escolares e emocionais dos filhos. O papel social feminino restrito a ser apenas mãe e dona de casa, a nosso ver, já não se enquadra mais na sociedade contemporânea, em que se fala de uma multiplicidade de papéis e de identidades não mais estáveis e unificadas. Os contos de Evaristo trazem memórias de mulheres que tiveram suas histórias marcadas pela inferiorização de seu sexo, pela violência e desrespeito, oriundos de uma sociedade ainda marcada pela visão

---

<sup>1</sup> Mead trabalha com a experiência analisada de três tribos, não queremos generalizar que todas as tribos primitivas têm essa estrutura.

e discurso patriarcais. Ao mesmo tempo, essas mulheres/personagens romperam com paradigmas de identidades firmadas na submissão e tornaram-se insubmissas.

Essa submissão passada de geração em geração foi quebrada pelas treze mulheres que são insubmissas, cada uma a sua maneira, que mudaram o rumo de suas vidas e tomaram o controle da situação. Cada uma delas era inferior de alguma forma em sua história; e todas mostram uma superação e a inversão dessa situação, com muita força e coragem, o que as transformam. São insubmissas, portanto, porque superaram os desafios e porque tiveram coragem de narrar\refletir suas vidas.

Estudar as narrativas de Conceição Evaristo possibilita ampliar a proposta de ampliar a discussão sobre o lugar da escrita feminina na América Latina. Acusadas de tratarem apenas de temas domésticos, as escritoras latino-americanas precisaram trilhar um longo caminho até serem reconhecidas como artistas que sabem manejar a palavra para temáticas diversas: “A Literatura produzida por mulheres foi sempre considerada ‘feminina’, isto é, inferior, preocupada somente com problemas domésticos ou íntimos e, por isso, não merecendo ser colocada na mesma posição da Literatura produzida por homens (Mais política)” (NAVARRO, 1995, p. 13).

A maior parte das personagens de Evaristo falam a partir do doméstico, mas não ficam nele. Assumem a voz da crítica, da negação do imposto. A autora assume a tarefa de registrar os conflitos vivenciados por treze mulheres, a partir de uma visão sensível de quem sabe a importância de narrar:

(...) o livro, a ficção atinge uma importância enorme, pois, através dele, a oralidade transformada em escritura sólida, bem alicerçada em conceitos diversos e técnicas narrativas inovadoras, assume proporções gigantescas, a palavra pode chegar a inexplorados recantos e promover mudanças significativas (NAVARRO, 1995, p. 12).

Lágrimas, na maioria das vezes, são simbolicamente carregadas de tristeza, de dor. No caso dessas mulheres, as lágrimas representaram a libertação, o desligamento com o motivo causador delas. Representaram o estopim para uma guinada na situação em que viviam. Em nenhum dos contos houve qualquer tipo de manifestação de arrependimento por parte das personagens.

Na maior parte das narrativas, as protagonistas ficaram sozinhas, isto é, sem maridos, sem a presença masculina tão evidenciada, ainda hoje, como importante e

indispensável na vida de uma mulher. Em uma sociedade que corre em ritmo acelerado, onde as relações são frágeis, estaria o amor também se tornando frágil? A instituição casamento vem sendo encarada de maneira mais flexível, a solidão tão temida até pouco tempo na vida de uma mulher é tratada nestes contos como algo natural e de forma positiva. Todas que ficaram sozinhas são descritas e se autorepresentam com traços de felicidade e realizadas, sem qualquer sentimento de arrependimento ou falta por não terem um homem ao seu lado.

Ao analisar os contos, procuraremos compreender em que medida as histórias rememoradas carregam traços de uma educação patriarcal e até que ponto romperam com ela, e como se manifestaram as construções identitárias dessas mulheres.

### **Identidade em (des)construção em Evaristo Conceição**

Identidade é um assunto muito debatido em nossa sociedade atual. Ela já não aparece no singular, fale-se em múltiplas identidades, e os antigos padrões não mais se encaixam em um tempo de indecisão, onde tudo é provisório, como destaca Stuart Hall:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2001, p.12).

De acordo com o fragmento acima citado, o processo de identificação não acontece mais como antes. Agora é tudo mais rápido, principalmente por conta da globalização, e um mesmo indivíduo possui várias identificações, que podem, a qualquer momento, serem substituídas por outras. Quando se trata das mulheres, temos um histórico de representações que também é variante, mas, por outro lado, alguns ditos permanecem vivos no cotidiano atual feminino e fazem parte do processo identitário.

O histórico de representações que envolvem a condição de "ser mulher" data de muito longe e, na maior parte desse tempo, elas foram descritas e representadas através de uma visão masculina. Essas visões vão desde o mito de Eva, em que a mulher assume a posição de sedutora, daquela que possui o mal e que deve ser controlada pelo

poder patriarcal: a ordem o equilíbrio, até a figura de mãe, bondade e musa do imaginário masculino.

São duas faces de uma mesma moeda, de discursos instaurados no terreno das relações de poder que marcaram a história da construção de uma identidade feminina, e que ainda hoje possuem um peso muito grande. Foi preciso muito tempo para que as mulheres começassem a falar por si e se autorrepresentarem, mesmo que no início esse processo tenha se dado timidamente.

Na atual sociedade fragmentada, as mulheres já apresentam uma abertura maior para se expressar e acompanhando o curso do desenvolvimento, possuem não uma, mas várias identidades, que se mostram instáveis e fragmentadas e fazem parte de um processo duplo de construção e desconstrução de identidades.

Em um dos contos, temos rememorada a história de Mary Benedita que, quando menina sonhava com o dia que iria deixar a cidadezinha onde morava rumo a outros destinos, alcançar lugares que ela só conhecia em sua imaginação:

Escalava e descia as montanhas próximas de minha casa, imprimindo urgência a cada passo, como se tudo fosse fugir sob os meus pés. Havia, porém, algo que me freava e me deixava quieta, extasiada. Era a contemplação do Mapa Mundi. Eu gostava de *ibudisar* sobre o tamanho do mundo. Toda e qualquer lição de geografia, que me trouxesse a possibilidade de pensar a extensão da terra, tinha o efeito de amainar os meus desesperados atos de correria. Calmamente, então, eu traçava roteiros de viagens. E me quedava durante horas inteiras com o Atlas nas mãos, imaginando percursos sobre infinitos caminhos (EVARISTO, 2011, p.61).

Para realizar o tão almejado sonho, Mary fingiu estar doente movida pela vontade de conhecer a “cidade grande”, de ganhar o mundo. Seu pai a levou para a casa de sua Tia Aurora, para que ela se tratasse da suposta doença. Mary não queria mais voltar para sua cidadezinha. Implorou para que lhe permitissem morar com a tia. Por algum tempo, foi permitido, mas logo foi obrigada a voltar, pois na visão de sua família, Tia Aurora não era a melhor pessoa para cuidar de uma menina.

(...) pedi à minha tia Aurora que contasse toda a verdade e que também suplicasse aos meus pais que me deixassem morar com ela. A resposta foi que, talvez, os meus pais pensassem que ela seria a pessoa menos indicada para cuidar de uma mocinha. Não entendi. Na minha inocência, eu nem imaginava qual conceito a

família tinha dessa minha tia. Uma mulher solteira, estudada, que morava sozinha na capital (EVARISTO, 2011, p.63).

Da convivência com a tia, Mary se descobriu na arte, o que a levou a conhecer o mundo. Este conto possibilita pensar em uma ruptura com antigas concepções e em que medida outras permanecem. De um lado temos a família de Mary como influência em sua formação identitária, para a qual uma mulher solteira, que estudava e morava em uma cidade grande não era bem vista para tomar conta de uma criança. A postura da tia Aurora desperta julgamentos por parte da sociedade e os pais não querem correr o risco de ter o nome da filha envolvido em “conversas”.

O conto deixa transparecer a nítida manutenção do discurso patriarcal, em que a mulher deveria ter sempre um homem ao seu lado, para manter a ordem, o equilíbrio, eles são a razão, uma mulher sozinha não teria uma boa imagem. Percebe-se também que a proteção dos pais empregada à menina é maior em relação aos meninos, traços tradicionais de uma sociedade que regra a liberdade da mulher.

Em contrapartida, temos a imagem da tia Aurora, mulher estudada, independente e sem um homem ao lado. Ela rompeu com as tradições e trilhou um caminho diferente do esperado. Suas ações estão pautadas em relações mais abertas, a estilos de vida que assumem papéis variados, já que a mesma era professora de música e conhecia diversos contextos e lugares do mundo. Certamente, a construção de sua identidade se deu por intermédio dessas relações e representou um desligamento com os discursos moralistas que a envolviam.

Descobri, alguns dias depois, que tia Aurora era professora de música e que, durante alguns anos, tinha trabalhado na embaixada brasileira de Viena e, como arquivista, em empregos anteriores de uma grande empresa de engenharia, tinha feito outras viagens para fora do Brasil. No quarto dela tinha um violino e um globo terrestre (EVARISTO, 2011, p. 63).

A vontade de conhecer o mundo e as influências que recebe da tia leva Mary a torna-se pintora e a construir sua identidade com base em novos conceitos, mesmo que ela tenha sido afetada em certa medida pela proteção dos pais. Isso confirma o que foi apresentado por Stuart Hall: são identidades que não possuem mais um centro unificado. Essa flexibilidade permitiu a Mary desconstruir os discursos aprendidos e tidos como sólidos em sua casa para experimentar o terreno do instável, das múltiplas identificações.

Apreendi com as mulheres de minha família a extrair sumos de plantas. Cresci vendo minha mãe macerar folhas para tingir nossas roupas. Tínhamos um guarda-roupa naturalmente colorido. Aprendizado que ela herdou de minha avó, que já havia recebido esse legado de outras mulheres mais antigas ainda, desde o solo africano. Entretanto, há uma pintura que nasce de mim inteira, a tintura também. Pinto e tinjo com meu próprio corpo, um prazer tátil imenso. Uso os dedos e o corpo, abduco do pincel. Tinjo em sangue (EVARISTO, 2011, p. 67/68).

Em outra narrativa, “Saura Benevides Amarantino”, encontramos a abordagem da maternidade. A ideia da figura de mãe como um ser amável e cuidadoso é muito forte na sociedade cristã. O contrário desse dito caracteriza, sem dúvida, uma mulher sem caráter, distante daquilo que é aceito como normalidade. Esse discurso atravessou gerações e ainda é passado de mãe para filha como se fosse um ritual. “Saura” permite olhar para o assunto de maneira diferente.

A história rememorada pela personagem que dá título à narrativa, Saura, mãe de três filhos, mas que acolhe apenas dois. Aos dezesseis anos teve sua primeira filha, Idália. Na segunda gravidez estava casada e, após onze anos, seu marido morre. Se relaciona com um colega de juventude, do qual engravida pela terceira vez e por essa criança sente aversão. Por ser uma gravidez indesejada, ela odiava a filha, optando por entregá-la ao pai. Sua mãe, que sempre a apoiara, sofreu por ver que Rose não conseguia amar sua filha como ela ensinou que deveria ser:

E, quando a menina nasceu, mais um desgosto me esperava. Ela não saíra com uma só marca de nossa família. Sinal algum denunciava que ela era minha filha. A aparência dela era toda da família paterna. E, se fosse um menino, poderia ser confundido com uma miniatura do pai. (...) Ela era toda o pai, toda. Que fosse para ele, então. A minha decisão de entregar o bebê para o pai, desgostou profundamente a minha mãe. Ela não entendia. Dizia que eu estava me desvencilhando de minha filha, como alguém se desvencilha de uma coisa, de um pacote, de um embrulho. E, chorando, me repreendia, dizendo que, até então, ela sempre estivera do meu lado, tinha sido minha aliada em

tudo, mas que, daquela vez, era impossível contar com a compreensão dela (EVARISTO, 2011, p. 103).

Observa-se o quanto é forte aqui a ideia tradicional da mãe acolhedora e da tradição, já que a mãe de Rose afirma ter ensinado a ela como uma mãe deveria ser. A imagem da mulher dona de casa, mãe, esposa e mulher honrada é cobrada de Rose pela sociedade: “O fato de eu ter tido um namoro com um colega dos meus tempos de juventude despertou uma série de julgamentos contra mim. Do meu pai foi o primeiro (...) ele me cobrou o pudor que eu deveria ter por ser um a mulher viúva” (EVARISTO, 2011 p. 101). Mais uma vez, constata-se como o “ser mulher” está impregnado na cabeça das pessoas. Existe um padrão obrigatório a ser seguido. As que se desviam enfrentam julgamentos pré-estabelecidos.

Sua terceira filha era a representação de que outro homem havia tocado seu corpo. Ela afirma que o fato de não amar essa menina não faz dela uma pessoa sem sentimentos. Saura representa bem o indivíduo com múltiplas identidades. Mostra-se uma mãe carinhosa quando se trata de seus dois primeiros filhos e assume outra postura perante a terceira filha.

Eu amo os meus filhos, Idália e Maurino. Esses são meus filhos e estarão sempre aconchegados dentro de mim, mesmo que eles não queiram. Já me perguntaram se eu não tenho remorsos em relação a essa criança que desprezei. Não. Não tenho. E não consigo inventar um sentimento em mim, só para me salvar de julgamentos alheios. Não sou sem sentimentos, só porque não amei aquela criança. Só eu sei de minhas emoções (EVARISTO, 2011, p. 104).

Ela encarna os diferentes papéis de acordo com as situações, como é característica do sujeito pós-moderno. Ela não foi capaz de desconstruir os discursos que a envolviam, porque a aversão à filha é oriunda do sentimento de ter traído o marido morto. A tentativa de recomeçar, portanto, foi confrontada com o que ela havia aprendido: ser esposa fiel, ainda que o marido já estivesse morto:

A, terceira, a última, foi uma gravidez que se intrometeu na lembrança mais significativa que eu queria guardar. A imagem da última dança do corpo de Amarantino sobre mim, pouco

antes de ele adoecer. A enjeitada gravidez comprovava que outro corpo havia dançado sobre o meu, rasurando uma imagem que, até aquele momento, me parecia tão nítida. E, desde então, odiei a criança que eu guardava em mim. Nos meus sofrimentos dei razão aos julgamentos de meu pai sobre mim, me faltava pudor (EVARISTO, 2011, p.102).

Outro discurso ainda muito presente em nossa sociedade e que afeta a maneira como as mulheres se autorrepresentam está pautado na importância da masculinidade para os homens. Assim como existem receitas passadas de geração em geração do “ser mulher”, existem os padrões masculinos buscados a todo custo. Isto pode ser observado na história, intitulada Natalina Soledad:

Natalina Soldedad, tendo nascido mulher, a sétima, depois dos seis filhos homens, não foi bem recebida pelo pai e não encontrou acolhida no colo da mãe. O homem, garboso de sua masculinidade, que, a seu ver, ficava comprovada a cada filho homem nascido, ficou decepcionado quando lhe deram a notícia de que o seu sétimo rebento era uma menina (EVARISTO, 2011, p.19/20).

Seu pai, homem que dava grande importância para a masculinidade, culpou a mãe por ter gerado uma mulher. A mãe, pela culpa imposta a ela, também rejeitou a menina, que se criou como uma sombra pela casa. Como castigo, deram-lhe o nome de Troçoleia Malvina Silveira. A escolha foi, para ela, motivo de chacota durante toda sua infância e adolescência:

Como podia ser? - pensava ele. De sua rija vara só saia varão! Estaria falhando? Seria a idade? Não, não podia ser... Seu avô, pai de seu pai, mesmo com a idade avançada, na quinta mulher havia feito um menino homem. E todos os treze filhos do velho, nascidos dos casamentos anteriores, tinham nascido meninos homens. Seu pai, o mais velho dos três, não havia seguido a mesma trajetória do velho Arlindo Silveira. Tivera um único filho, ele. (...) E ele, o neto mais velho, que tanto queria retomar a façanha do avô, vê agora um troço menina, que vinha ser sua filha. Tração de seu corpo? Ou quem sabe, do corpo de sua mulher? Traição, traição de primeira! De seu corpo não podia ser, de sua rija semente jamais brotaria uma coisa menina. (...) E Maria Anita Silveira, entre lamentos e desejos, mal amamentou

a criança. Descuidou-se propositalmente dela e até concordou que o pai nomeasse a filha de Troçoleia Malvina Silveira. A criança só herdou o Silveira no sobrenome, porque a ausência desse indicador familiar poderia levantar a suspeita de que algo desonroso manchava a autoridade dele. (p. 20/21)

Por coincidência do destino, a menina era, dos filhos, a mais parecida com o pai. E à medida que foi entendendo sua condição naquela família, fazia questão de ser chamada por seu nome de registro e não de Silverinha, como a apelidaram. Isso causava ainda mais revolta aos pais e abria a ferida não cicatrizada. Neste conto, ocorre o auge da fragmentação descrita por Stuart Hall:

A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (...) Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu" (HALL, 2001, p. 12,13).

Essa mulher foi rejeitada pelos pais por ter nascido dentro de uma família onde o pai era o "macho" da casa e para o qual a masculinidade, a virilidade era extremamente importante. Destaca-se a influência desse homem na opinião da esposa, fazendo-a rejeitar a filha. A maneira como a rejeição foi recebida pela menina afetou sua construção identitária e, sem dúvida, deve ter gerado muitos traumas. Por outro lado, essa mulher fez algo extraordinário. Quando adulta, decidiu por mudar de nome, batizou-se como Natalina Soledad:

Rumou ao cartório para se despir do nome e da condição antiga. (...) Rejeitou também a incorporação do sobrenome familiar - Silveira - ao seu novo nome, e, sonoramente, quando o escrivão lhe perguntou qual nome adotaria, se seria aquele mesmo que aparecia escrito na petição de troca, ela respondeu feliz e com veemência na voz e no gesto: Natalina Soledad (EVARISTO, 2011, p. 24).

Natalina Soledad é um exemplo claro da fragmentação mutável do sujeito que, não contente com a situação em que se encontrava, se reestruturou e deixou para trás uma identidade marcada pela história de Troçoleia Malvina Silveira para construir uma nova maneira de se autorepresentar. Ela construiu outra narrativa do seu próprio eu

pautada nas novas experiências vividas por ela. Ao trocar de nome, foi como se deixasse de existir aquela memória dolorida para nascer uma nova vida, tornou-se outra pessoa, com outra identidade.

## CONCLUSÃO

Devido à riqueza das histórias rememoradas nos treze contos dessa obra, este estudo não pretendeu ser conclusivo. Contudo, podemos formular a hipótese de que os contos revelam muitas das inquietações pós-modernas, como a construção da(s) identidade(s) na relação com o outro; o descentramento do sujeito que não possui uma identidade central, mas várias identificações; a fragmentação do discurso do “eu” e a fragilidade das relações.

Quando se trata de mulheres, essas questões são ainda mais complexas, já que se tratam de personagens que têm sua história marcada pelas relações de poder e pela força da tradição patriarcal imposta pela sociedade que as cobravam (e ainda cobram). Entretanto, constata-se que as mulheres vêm seguindo como protagonistas nesse momento de instabilidade e incertezas em que vivemos. Elas desdobram-se, fragmentam-se, acolhem e rejeitam paradigmas. Muito do que era socialmente imposto à mulher já foi deixado para trás, enquanto alguns discursos ainda estão sendo combatidos como parte do processo duplo de construção e desconstrução de identidades.

## Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Trad. Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

MUSKAT, ZelitaSeabra Malvina. **Identidade Feminina**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

BADINTER, Elizabeth. **Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao PIBID-CAPES, pelas bolsas concedidas.